

DIÁRIO DE BORDO

OFICINA DE EDUCAÇÃO SUPERIOR

Nathália Formenton da Silva

Piracicaba

2020

*“Eu não sou você / Você não é eu / Mas
somos um grupo enquanto / Somos capazes
de, diferenciadamente, / Eu ser eu vivendo
com você / E você ser você vivendo comigo”
(Madalena Freire)*

Minha história – quem sou eu?

Sou mulher, nascida, criada e moradora de São Carlos, no interior paulista. Filha de motorista e secretária, pais que se sempre trabalharam duro para dar uma vida melhor às filhas. E acredito que tenha valido à pena, não só pelas duas terem estudado e seguirem o caminho do conhecimento, mas principalmente por serem pessoas humildes, honestas, generosas, sinceras, de grande coração, amorosas e que buscam sempre serem pessoas melhores.

O caminho até a faculdade não foi fácil. Sempre estudei em escola pública e quando fui para o terceiro colegial, minha mãe resolveu me colocar na escola particular para eu entrar na faculdade. Ledo engano! Claro que não foi fácil. Fiz três anos de cursinho, período no qual aprendi e estudei muito e tanto que em certo momento tive um colapso e quase perdi o ENEM daquele ano. Mas enfim, o susto veio para o bem. Levei o último ano de cursinho mais tranquilamente e depois fui aprovada em três universidades. E escolhi a UFSCar, universidade que sempre via e era meu sonho.

Minha trajetória na graduação foi interessante, mas a gente sempre se arrepende de algumas coisas, não é mesmo? No meu caso, foi sobre o que deixei de fazer! No meio da graduação, fiz intercâmbio na Espanha, graças ao Ciências sem Fronteiras, em 2012, o que me permitiu realizar um grande sonho que só foi possível devido a esse programa. E com isso vieram muitas coisas lindas: aprendi um novo idioma, conheci muitos países e muitas pessoas (a maioria brasileiros, inclusive), mais conhecimentos acadêmicos e científicos e, principalmente, me conheci ainda mais, me permiti viver longe de casa, em um lugar e com pessoas totalmente desconhecidas. Busquei o novo e encontrei

maravilhas. Encontrei solidão, tristeza? Sim, porém pontualmente, eu diria. E aprendizado foi imensurável!

Depois da graduação, realizei outro grande desejo e sonho: o mestrado. Especificamente o mestrado em Conservação da Fauna, também na UFSCar e em parceria com o Zoológico de SP. Quantas pessoas e lugares conheci e quantas experiências tive. Nessa época, conheci minha orientadora, professora Rosana, grande inspiração de pessoa e profissional! E também entrei para o seu grupo de pesquisa, o GPEAFE (Grupo de Pesquisa em Educação Ambiental e Formação de Educadores). Todos os seus membros são pessoas extraordinárias, tanto como pessoas quanto como profissionais, pesquisadores. Eu nunca vi no meio acadêmico um grupo tão generoso, amoroso, profissional, dedicado, compreensivo, amigo e companheiro (incluindo todos, sem exceção). A escuta poética neste grupo é tamanha!

E não mencionei ainda a educação ambiental. Desde a graduação, por uma disciplina que fiz com a professora Haydée, me interessei pela área e continuei (e continuo) nela. O caminho também não foi fácil, principalmente para entender o que eu mais gostava e me desprender um pouco da minha própria concepção daquela bióloga de campo. Mas é na EA que me encontro.

Defendi meu mestrado em março de 2018 e já tinha sido aprovada no doutorado, porém podia escolher me matricular no primeiro ou no segundo semestre de 2019. Escolhi a última opção, pois apesar de tudo indicar que esse doutorado era o melhor caminho, queria mudar um pouco de área, sair da educação ambiental e entrar na “área dura” da conservação da fauna. Assim, tentei o doutorado na ESALQ por três vezes e não consegui nem fazer o processo seletivo porque a professora com quem queria nunca tinha vaga. E com isso fui ficando cada vez mais frustrada e pensava em desistir do doutorado. Até que aos poucos, comecei a ver, entender e aceitar que estava tentando ir por uma porta que estava se fechando sempre em minha cara e que a janela sempre estava aberta, escancarada (a vaga já era minha). E então decidi parar de sofrer (pelo menos por isso) e fazer o doutorado neste programa.

Meu sonho sempre foi fazer faculdade, ser bióloga e ser doutora! Sempre quis a área acadêmica (embora sempre haja tantas dúvidas influenciadas por tantas coisas – realidades), sempre gostei muito e sempre via os alunos de pós com admiração quando eu estava na graduação. E a decisão de ficar nesse

doutorado não foi fácil, mas ao mesmo tempo foi generosa. Minha orientadora e o grupo de pesquisa foram fatores determinantes para minha decisão. Tinha alguns fatores contra, como por exemplo, não sabia se eu ia conseguir bolsa, talvez tivesse que me mudar para SP (isso não era problema, na verdade, mas sim em relação ao custo de vida) e outras coisinhas. Ah, ressalto que se fosse apenas pelo nome da universidade, sem os fatores bons que citei acima, talvez não teria decidido ficar.

O doutorado (e a pesquisa) para mim sempre foi desejo, sonho, como um meio (ou instrumento, muitas vezes) para alcançar uma vida melhor, condizente com o que desejo, como uma forma de ser professora universitária e ter meios de trabalhar e fazer algo pela, para e com a sociedade. Não sei se tudo isso será possível. Ultimamente, como o desmanche da ciência, cortes de bolsas e muitos outros fatores, não sei se será possível, não sei se quando eu me formar doutora, se alguma universidade terá vaga para mim, se vou conseguir realizar meu sonho (mais uma parte dele, porque afinal, já estou no processo). Muitas vezes fico pessimista e desanima, reflete no trabalho, na pesquisa. Mas essa não é minha essência e tento me manter forte a cada dia!

Espero ter conseguido expressar, ao menos um pouco, quem sou e minha trajetória. Claro que há muitas histórias e experiências que não estão aqui. Espero que o longo processo de doutoramento seja desafiador, alegre, reconfortante, que valha a pena! E que eu o termine sendo alguém bem melhor que hoje!

Reflexões advindas com a disciplina

Em 2020 o mundo praticamente parou, em quarentena, todos em casa, assustados, ansiosos, cautelosos... (talvez? Ao menos em sua maioria, pelo que pareceu em muitos momentos). E daí me ponho a pensar: essa situação, possível e provavelmente nunca antes vivida por muitos de nós, gerou um misto de emoções com as quais poderia aqui listar grandemente. Mas me apego a este misto emocional refletindo sobre sua consequência, o que isso vai gerar? Vemos pelas redes sociais e em conversas com amigos e familiares os sentimentos resultantes dessas emoções, ou seja, o que e como expressamos o que sentimos (ou não! Acredito que muita gente muitas vezes não consegue

expressá-las – as emoções – em sua totalidade): incredulidade com o presidente, perplexidade e tristeza com a situação de pandemia e tantas mortes pelo mundo, o isolamento social que nos impede de ir e vir e estar (no sentido de lugar e com pessoas), as mudanças de hábitos (tanto de trabalho, lazer, etc.), preocupação com familiares idosos, ânsia de uma explosão de solidariedade e amor pelo próximo e que tudo possa ser repensado e (re)valorizado após tudo isso passar! Com isso, com esse misto de emoções que vivemos agora, penso que talvez haja alguma mudança na cultura, ao menos em alguma escala, pequena que seja, para melhor, sempre melhor. Afinal, como seres humanos, o que desejamos conservar? Que cultura queremos que seja passada de geração a geração? Que morada queremos ser para nós mesmos e para o outro?

Essa reflexão sobre tempos pandêmicos e tudo o que veio e vem com ele também diz respeito à educação, ao meio acadêmico. No começo de 2020 tinha planejado fazer todas as disciplinas do doutorado e estava tudo certo. Veio a pandemia e continuei com as disciplinas, porém me adaptando (nos adaptando) às telas, ao modo virtual. Foi um ano esgotante! Nesse contexto, com as disciplinas que cursei e com as inquietações geradas, além do cenário de desmonte da educação, me pergunto: qual o futuro da educação (básica e superior) no país?

Há especulações e reflexões sobre isso, mas não tenho uma resposta certa. Acredito que temos muito a melhorar na educação. O primeiro deles é a coisa pública, pois a universidade pública não é interessante para quem gosta e quer concentrar renda e poder e, nesse sentido vemos os cortes na educação e em órgãos de fomento à pesquisa, além de tentativas de privatizar universidade públicas cobrando mensalidades na pós-graduação. Outro fator a melhorar na educação superior é a educação e ciência hegemônica e colonial. Até quando estaremos nesse “*modus operandis*”?

Assim, olhando para trás, para minha própria experiência na graduação e na pós (e acredito que seja parecida com a de muitos), vejo e me questiono: o ensino que tive foi tecnicista? Foi ensino e aprendizagem? Foram ambos? Ou foi apenas uma sequência de decorebas para provas (muitas vezes desnecessárias)? O que sempre me atraiu mais durante a graduação eram aulas mais dialogadas, que utilizavam metodologias diferentes da tradicional aula expositiva, as conhecidas metodologias ativas (que na época nem conhecia esse

termo). Entendo sua importância em algumas disciplinas, porém não me identificava muito.

Assim, refletindo sobre isso e desde quando iniciei na pesquisa (além de experiências em projetos de extensão) me questiono: como minha própria pesquisa pode ser útil para a sociedade? Como o que estudo pode ser útil, aplicável para a sociedade? Acredito que essas inquietações colaboraram para eu me encontrar na educação ambiental e não necessariamente nas “áreas duras” da biologia. Por meio da EA, da prática, sinto que consigo, de alguma forma e em algum nível, saciar essas inquietações ao compartilhar conhecimentos e experiências com outras pessoas.

Com isso e para além, também me questiono: como a universidade pode contribuir para a efetiva aprendizagem dos alunos? (considerando que durante a graduação muitas vezes apenas decoramos coisas para fazer as provas). E de que forma o ensino e aprendizagem universitários podem ultrapassar a universidade e chegar à sociedade? Como vencer as barreiras da universidade pública para que ela seja realmente pública, no sentido de acolher todas e todos, de todas as classes, culturas etc.?

Acredito que essas respostas não são fáceis, mas alguns caminhos possíveis conhecemos e já estejam sendo trilhados, como por exemplo a cota para pessoas negras e indígenas. Obviamente, as cotas não resolvem o grande problema estrutural que temos no Brasil quando pensamos nas minorias, mas lutarmos pelas cotas, por mantê-las e aprimorá-las (no sentido de quantidade e qualidade de respaldo para essas pessoas continuarem na faculdade), acredito ser um caminho, ainda que muitas vezes tortuoso.

No mestrado conheci as chamadas metodologias ativas e, embora tenha feito licenciatura, durante a graduação não tive contato com elas, ao menos conscientemente, sabendo o nome e os diferentes tipos. Assim, desde esse contato com tais metodologias, sempre gostei e tive/tenho apreço por elas, acredito que elas atendem muito bem o que busco na educação: a transformação do sujeito, a criticidade, a dialogicidade, a reflexão. No entanto, em 2018 e 2019 ministrei um curso de formação em educação ambiental para educadoras e educadores de unidades de conservação, o qual foi muito prático e inteiramente pautado nas metodologias ativas (sem nenhuma aula expositiva). Na edição de 2019, algumas pessoas relataram que esperavam e queriam alguma aula

expositiva, alguma palestra. Confesso que fiquei muito surpresa e comecei a questionar tais metodologias e o jeito que eu via esse processo de ensino e aprendizagem.

Dessa forma, as metodologias ativas são para quem então? Para mim mesma (ou educadoras e educadores em geral)? Ou para o público-alvo (estudantes, monitoras e monitores)? E o que fazemos, neste caso independentemente da metodologia, é ensino? O estudante está aprendendo?

Acredito que é bom que haja uma mistura, uma mistura de metodologias, de técnicas, de conhecimentos (científicos e tradicionais), de ensinamentos, de aprendizagens, de envolvimento. E para que tudo isso ocorra – um processo educativo nunca é trivial – não é só isso ou aquilo, é exatamente a mistura, afinal, cada ser humano aprende de um jeito, com mais facilidade para isso do que para aquilo, dessa forma ou de outra. Assim, percebo que o primordial em todo esse processo seja a escuta e o diálogo. A escuta poética, aquela que se está disposto a ouvir, de corpo (e ouvidos) inteiro, integralmente, a acolher quem fala. E o diálogo precisa ser o mais humilde possível, aquele diálogo horizontal, de igual para igual, sem julgamentos e hierarquias. Mas o pior? Muitas vezes não fazemos isso em nossa prática e nem em nosso cotidiano, mesmo fora da academia. Essa prática de ouvir e dialogar é mais importante do que pensamos.

E o que desejo para o meu futuro na educação superior? Ora, esse momento é bem difícil dizer, pois confesso que as esperanças em chegar a isso não inteiras, em grande parte devido a todo o contexto histórico e educacional que estamos vivendo nesse governo. No entanto, a utopia que sempre está em mim é de ser docente universitária, de poder contribuir para a educação pessoal, profissional e cidadã de cada estudante que eu tiver. De que forma? Bem, ainda me questiono isso, mas carrego bons exemplos de professoras e professores comigo, e uns maus também, para lembrar o que não reproduzir. Mas espero cumprir tanto a escuta poética quanto o diálogo com cada pessoa que tiver a honra de cruzar o caminho.

Inspirações bibliográficas

ARENDT, H. (2005). **La condición humana**. Barcelona: Paidós

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro, RJ: Paz a Terra, 1994.
213 p.